
RESENHA

POR UNA SUSTENTABILIDAD ALTERNATIVA

Carla Pasa Gómez
UFPE

FOLDARI, Guillermo. **Por una sustentabilidad alternativa**. Editora Colección Cabichui, Uruguai, 2005, 107 p

DESCRIÇÃO DA OBRA

A obra “Por una sustentabilidad alternativa” do professor Guillermo Foladori tendo como colaboradores Humberto Tommasino, Naína Pierri, Javier Taks e Manyu Chang, publicado pela Editora Colección Cabichui, Uruguai, 2005, 107 p.) reúne uma série de artigos sobre a necessidade de entender a relação da sociedade humana com o seu ambiente no contexto do sistema capitalista. Guillermo Foldari é professor da Universidade Autônoma de Zacatecas no México. Antropólogo e Doutor em Economia, foi professor convidado em Universidades de vários países como EUA e Brasil, além de consultor da OIT para o México e Brasil.

Ao longo do texto o autor enfatiza a distinção entre sustentabilidade ecológica e social, que constituem o centro das discussões sobre o tema e as dificuldades metodológicas de um trabalho interdisciplinar sobre desenvolvimento sustentável.

“Por uma sustentabilidade alternativa” é o primeiro capítulo no qual o autor apresenta um panorama mundial de desigualdades sócio-ambientais direcionando para três principais interpretações: técnica (tecnologias ineficientes e sujas degradam); consumista (o comportamento consumista esgota os recursos e gera resíduos); e, a pobreza (os pobres são as causas – a falta de capital os leva a degradar os recursos disponíveis - e consequências da degradação ambiental - porque são obrigados a viver em lugares mais degradados). As alternativas apontadas são as tecnologias eficientes e processos limpos, a redução do consumo, principalmente dos países ricos, e a participação e o acesso ao capital para que os pobres consigam superar suas limitações e fazer uso de tecnologias mais eficientes e manejos mais amigáveis aos recursos naturais.

Aponta ainda, a necessidade de se analisar as correntes do ambientalismo que sustentam que a crise está baseada nos processos produtivos e na industrialização – o uso dos recursos, processos x resíduos e problemas de saúde e, inovações limpas para o dilema recursos não renováveis x renováveis. Porém alerta pra a diferença dos ritmos dos ciclos naturais e dos ciclos humanos, exemplificando tais ciclos através da diferença entre depredação e contaminação.

O segundo capítulo “Controvérsias sobre sustentabilidade”, escrito em co-autoria com Humberto Tommasino, traz uma ampla discussão sobre os problemas e contradições do conceito de desenvolvimento sustentável que permitem interpretações “vagas e variadas”. Como conclusões aponta que as contradições e desacordos relacionam-se ao conceito das “relações intra-específicas do gênero humano (sustentabilidade social), frente as relações entre o ser humano e seu entorno (sustentabilidade ecológica).

O terceiro capítulo chamado de “Cinco falacias sobre la crisis ambiental” tem como propósito comentar alguns dos equívocos mais comuns encontradas na mídia e meios acadêmicos sobre a crise ambiental contemporânea. O autor aponta os seguintes equívocos: todos nós temos interesse em defender a natureza; todos os problemas ambientais são essencialmente técnicos; os problemas ambientais não dependem de sua forma econômico-social, e sim de seu caráter industrial; as empresas capitalistas são inimigas de uma política “verde”; os problemas ambientais são uns e os sociais outros.

O capítulo de número quatro intitulado “Sustentabilidad ambiental y contradicciones sociales”, analisa o processo de medição da sustentabilidade através de indicadores econômicos (Green Net National Product e Genuine Savings); indicadores sócio-políticos (Index for Sustainable Economic Welfare e Genuine Progress Indicator) e de, indicadores ecológicos ou físico-materiais (Net Primary Productivity, Ecological Footprint e Environmental Space). De uma forma muito interessante o autor aborda os conceitos de produtividade social e de excedente potencial como indicadores de relações sociais de produção, onde discute as formas das medições econômicas enquanto análise individual e não como coletiva.

No seu quinto capítulo “Avanços e limites da sustentabilidade social” o autor fala da tridimensionalidade da sustentabilidade como conceito chave para avaliar o comportamento. Aborda ainda, as contradições entre as propostas e medidas setoriais para combater a pobreza e as macro políticas econômicas; bem como a tipologia e evolução do conceito de participação.

“Três teses básicas ocultas sobre a questão ambiental” é o título do sexto capítulo no qual o autor apresenta teses que contrapõem os pressupostos de que “a crise ambiental é resultado de ações antrópicas que degradam o ambiente e dificultam o equilíbrio ecológico, e que pode conduzir a uma catástrofe que pode ser evitada...os problemas mais graves são o aquecimento global e a perda da biodiversidade”. As teses buscam centrar a discussão nos principais elementos críticos e mostrar um caminho teórico alternativo a partir da visão de que não existe um ambiente separado dos organismos e/ou da sociedade humana; a sociedade humana não se enfrenta de maneira igualitária com seu ambiente externo, porque há uma visão

de que a crise ambiental não é responsabilidade de todos por igual, e, a visão hegemônica da discussão ambiental implica em um conteúdo ideológico poucas vezes reconhecido.

O penúltimo capítulo discute “A ciência e a tecnologia a favor da sustentabilidade ecológica e contra a sustentabilidade social” apontando para um dos temas de maior presença na polêmica ambiental contemporânea que é o papel da ciência e da tecnologia como instrumento para superar essa crise. Traz como exemplos o caso dos estudos sobre as alterações climáticas e a investigação biomédica.

Para concluir o livro, é apresentado o texto “Por que os países socialistas degradam tanto ou mais que os capitalistas se as relações capitalistas são as causas da degradação da natureza?”. Aqui traça uma relação interessante sobre a visão de que os produtos muitas vezes, não nos dizem as causas e nem os mecanismos pelos quais foi produzido, o que significa dizer que as degradações acabam sendo semelhantes porém oriundas de motivações e mecanismos diferentes, concluindo que o comportamento é imprescindível para a elaboração de políticas ambientais.

Discute ainda as causas da degradação ambiental no sistema capitalista e no socialista e conclui que as situações não são diferentes, apesar de que a “...maioria das políticas ambientais das economias capitalistas estão baseadas em instrumentos de mercado... e em corrigir preços para orientar a produção no sentido da defesa ambiental. Enquanto as economias socialistas devem considerar que a política comanda a economia mediante o planejamento, o que pode explicar o desempenho ambiental a partir de tendências intrínsecas com as relações de produção, como ocorre em economias capitalistas.... No capitalismo a degradação é comandada pela economia, e no socialismo a degradação é comandada pela política que atua, por sua vez, com o objetivo de igualar a economia capitalista”.

A obra desafia o leitor a refletir sobre questões ambientais em um sistema capitalista, apontando para vertentes contraditórias sobre o conceito e a prática do desenvolvimento sustentável, as quais, muitos países e pesquisadores, ainda os enxerga com uma visão míope.

Carla Pasa Gómez

Titulação: Doutora em Engenharia de Produção – UFSC

Professora e pesquisadora do PROPAD UFPE.

E- mail: carlapasa@hotmail.com

Endereço: Rua Prof. Moraes Rego, 1235 – CCSA UFPE – Recife – PE, Campo de estudo: Gestão Ambiental